

Editorial

A Sustentabilidade e os Macacos

Temos ouvido com frequência o discurso de que a sustentabilidade não existe. Para maior inquietação, a fala é realizada por alguns de nossos pares. É utopia e assim sendo não existe. Taciturnamente, recolhemo-nos a nossa insignificância, com um protesto silencioso que ecoa em nossas almas. Buscamos os argumentos para contrapor esta ideia, pois a enxergamos como caminho perigoso que traz atrelado a si a banalização do conceito. Expressamos neste editorial nossos argumentos que decorrem obviamente de nossa formação.

Recordamo-nos que ao desvendar os sistemas da qualidade com um sábio professor, do qual dispomos hoje de muitas publicações na área, expunha seus argumentos começando pelo equívocos das definições. Então, a qualidade enfrentava os mesmos conflitos que enfrenta a sustentabilidade hoje. Tínhamos a Barbearia Qualidade, a Padaria Qualidade e todos comercializavam produtos ou prestavam serviços com a dita qualidade. Das imprecisões e equívocos conceituais surgia a perfeição, os conceitos de eficiência, eficácia, efetividade, do que era intrínseco, qualitativo, quantitativo, concreto, abstrato, do que poderia ser mensurado.

Na vala comum mergulharam outros conceitos como o próprio design: design de sobancelhas, design de unhas, design de bolos ou de cabelos. A sustentabilidade ameaçava tomando consciência sobre o banho de água fria, que nos banhar-se neste caudaloso percurso e talvez isto possa ser envenenado apenas como uma belo frescor para os dias quentes.

Justificamos tal argumento pelo fato de que, com o passar dos anos, nem a qualidade, nem o design foram banidos. Muito pelo contrário, ganharam entendimento, aplicação e diversos conceitos derivados. A essência permanece por mais que se reinvente a roda.

Fomos encontrar argumentos em um livro de filosofia para educação de crianças, de autor catarinense, enraizados num conto sobre uma pesquisa com os macacos de uma ilha. Dizia o conto que ao observar o comportamento dos macacos em uma ilha, os pesquisadores observaram que, certa feita, um dos macacos resolveu lavar a banana antes de comê-la. Tal comportamento foi imitado por outro macaco que gostou do sabor do alimento lavado. Outro macaco e mais outro, aderiram sucessivamente à moda e dentro em pouco, todos os macacos da ilha estavam comendo bananas lavadas.

A sustentabilidade não pode ser vista como algo imediato ou mesmo interpretada como inatingível. Talvez possa não existir hoje em sua forma plena, assim como não existe a perfeição (além da destes editores que vos escrevem, é claro!). Mas precisamos buscá-la. Deve ser entendida como uma meta, talvez uma filosofia. Deve ser vislumbrada sob a ótica da melhora contínua. Um macaco de cada vez. Com sorte podem ser dois ou mais macacos. Não se pode esperar que a mudança ocorra de forma repentina e absoluta.

Voltemos aos macacos, pois mais um experimento dos colegas pesquisadores daquela área pode nos trazer esperança e sobretudo evolução. Para estudar o comportamento dos macacos, foram colocados cinco espécimes em uma jaula, junto a um vistoso, amarelo e suculento cacho de bananas que foi pendurado sobre uma escada no centro da jaula. (Por favor, vamos evitar o questionamento da ética da pesquisa relativo ao confinamento do grupo de macacos). Toda vez que um dos macacos sucumbia à tentação e subia na escada para pegar as bananas, todos os macacos levavam um banho de água fria.

Acontece da mesma forma em nosso mundinho. O que uns fazem impacta em todos e gradualmente vamos tomando consciência sobre o banho de água fria, que nos envenenado na forma de escassez de recursos, desigualdades sociais, doenças, catástrofes.

Assim aconteceu com os macacos, até que perceberam que o banho de água fria estava relacionado à tentativa de pegar as bananas. Estabeleceu-se o paradigma tentou pegar a banana, toma banho de água fria. Logo que um macaco tentasse subir na escada para pegar as bananas, antes do banho, a pobre criatura era espancada até que não quisesse mais repetir a ocorrência. A vantagem era que ninguém tomava banho de água fria.

Nossos pioneiros andam por cá, tomando suas surras também. O inovador, para o bem ou para o mal, provoca reações. Ainda não estamos conseguindo reagir a tempo de evitar o banho. Neste caso, ponto para os macaquinhos (que isto não seja tomado como um incentivo à violência, que fique claro: estes editores são pacifistas!). A nossa relação surge na forma de multas, de controle, de selos, de certificações e na forma de incentivos (ponto para nós).

Ficou estabelecido o paradigma se subir na escada, apanha. Novos macacos foram introduzidos ao grupo, um a um, em substituição aos macacos velhos e absorviam o comportamento do grupo. Ao ver as deliciosas bananas no centro da jaula, subiam na escada. Apanhavam e ajudavam a bater nos novos integrantes sem exatamente compreender o motivo e nunca tomaram banho de água fria.

Observem que nenhum dos novos macacos chegou a tomar banho de água fria, mas reproduziram o comportamento ao qual estavam condicionados, em função do paradigma vigente. Estamos em um momento de transição de paradigmas e é normal que surjam reações. É que muitos, por vezes no viés do conhecimento, maculam o conceito de sustentabilidade. Sabemos da sua complexidade e da quantidade de variáveis relacionadas às dimensões Econômica, Social e Ambiental. Devemos desdobrar esta complexidade, para atuação quiçá inter, multi e transdisciplinar. Temos de transformar esta complexidade, pela busca de tecnologias de representação, de fabricação, de prototipagem, de acompanhamento do uso e da manutenção e do reuso/reciclagem do todo ou de suas partes, em sistemas de informação integrados que nos permitam vislumbrar este todo. Sobretudo, novos comportamentos tem de continuar sendo gerados.

E finalmente, ao olharmos para trás, vamos percebendo que muito já foi feito, e num curto espaço de tempo. Quem viveu da década de 80 não percebia a presença das preocupações que temos hoje. Não se falava em reciclagem (ao menos aqui no Brasil). A biocompatibilidade já existia, mas era restrita a campos específicos. Os conceitos de ciclo de vida eram incipientes e carentes de aplicações práticas.

Então, podemos dizer como resposta ao argumento de que a sustentabilidade não existe, de que subimos alguns degraus em sua busca. E neste caminho estamos chegando cada vez mais perto. Nesta revista, publicamos alguns artigos de quem está nos fazendo subir outros de graus.

Os artigos desta edição são frutos de uma parceria entre a equipe deste periódico e do SBDS V Simpósio de Design Sustentável. São os melhores artigos, avaliados pelos referees do evento e desta publicação, de forma a evidenciarmos as pesquisas mais relevantes na área. Então, parabéns aos autores e a ambas as equipes por mais essa conquista, com votos pra que se renove no futuro, pois é do trabalho em equipe provêm os frutos mais saborosos.

Lisiane Ilha Librelotto

Paulo Cesar Machado Ferroli

ENSUS 2016

O encontro ENSUS (Encontro de Sustentabilidade em Projeto) reunirá em Abril de 2016 na cidade de Florianópolis, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), pesquisadores, professores, profissionais de empresas e estudantes de graduação e pós-graduação de engenharia, design e arquitetura, que tenham a sustentabilidade como foco principal de suas atividades profissionais.

Em sua quarta edição, o ENSUS reunirá em três dias palestras técnicas, mini-cursos, oficinas e apresentações de artigos científicos, durante os períodos matutino e vespertino. Serão três dias com foco nas dimensões econômica, social e ambiental da sustentabilidade, com estudos de casos práticos de universidades e empresas.

